

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | FUTURO
5 e 11 de Junho de 2024

LA JETÉE / 1963

um filme de Chris Marker

Realização e Argumento e Fotografia: Chris Marker / **Narrador:** Jean Négroni / **Comentário:** Chris Marker / **Montagem:** Jean Ravel / **Música:** Trevor Duncan e os coros da Catedral de St.Alexandre Newsky / **Interpretação:** Hélène Chatelain, Davos Hanich, Jacques Ledoux, Andre Henrich, Jacques Branchu, Pierre Joffroy, Etienne Becker, Philbert von Lifchitz, Ligia Borowczyk, Janine Klein, Bill Klein, Germano Faccetti, etc.

Produção: Argos Films / **Cópia:** dcp, preto e branco, com legendagem electrónica em português, 28 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

La Jetée é apresentado juntamente com **Beyond the Time Barrier** ("folha" distribuída em separado).

La Jetée é um dos filmes mais bizarros da história do cinema. As razões são fáceis de perceber: trata-se de um filme inteiramente composto por fotografias - um "fotoromance", chama-lhe Chris Marker no genérico - que parece querer desmentir a noção tradicional segundo a qual o cinema vive de "imagens em movimento". Sendo uma proposta radical de cinema, sendo um filme que questiona as mais básicas convenções da linguagem cinematográfica, **La Jetée** é ainda a confirmação da enorme complexidade da obra e da personalidade de Chris Marker, realizador demasiadas vezes colocado debaixo da cómoda designação de "documentarista". Porque se é verdade que Marker realizou vários documentários, há neles sempre um desejo de experimentação que transcende qualquer tipo de regras e que transforma qualquer tentativa de "categorização" num acto extremamente redutor. Do mesmo modo, nos filmes de Marker aparentemente mais afastados da ideia de documentário - como é o caso do filme desta sessão - surge sempre uma série de questões que interrogam, ainda, os vectores centrais dessa ideia: temas como o "registo", o "tempo", a "memória" e, acima de tudo, a relação da câmara com um espaço e com um tempo definidos.

São esses temas que se assumem como fundamentais em **La Jetée** e que decidem a sua inusitada estrutura formal. Tratando-se de um filme com uma intriga próxima daquilo a que costumamos chamar "ficção científica" - tudo se passa num tempo "pós-apocalíptico", depois da destruição causada por uma Terceira Guerra Mundial - o facto de todas as imagens surgirem como fotografias introduz um elemento deveras perturbante: a fotografia, ao "capturar" um tempo, sugere sempre e

irremediavelmente um "passado". A ilusão do "presente", que o cinema concebe tradicionalmente, está totalmente afastada da fotografia, sempre a memória de algo que já não nos é contemporâneo. Como escreveu Susan Sontag, "cada fotografia é uma espécie de memento mori. Fotografar significa participar na mortalidade, vulnerabilidade e mutabilidade de outras pessoas (ou coisas). Precisamente ao apoderarem-se desse momento, fixando-o, todos os fotógrafos são testemunhas da passagem inexorável desse tempo". **La Jetée** vai assim buscar parte substancial da sua energia a este paradoxo: é um filme sobre o futuro em que este futuro nos é mostrado como se fosse já um passado. Se, em termos narrativos, a circunstância seria relativamente banal, já em termos formais poucos outros filmes terão encontrado uma equivalente visualização do problema e menos ainda terão operado uma semelhante fusão de diversos níveis temporais.

Simultaneamente, o filme de Marker explora, como se disse, a contradição de uma das mais elementares noções sobre as convenções da linguagem cinematográfica, como que desmentindo a necessidade das "imagens em movimento". Mas ao fazê-lo Marker está, na realidade, a afirmar uma coisa plena de consequências: o cinema é acima de tudo a arte de conferir uma duração às imagens, é acima de tudo uma arte da *temporalização*. Daí que, como muitos defendem, o cinema seja a arte que mais se aproxima da música, a única outra arte que faz do tempo uma matéria não só essencial como incontornável: uma imagem cinematográfica, assim como um acorde, desenrolam-se no tempo e não lhe podem fugir visto que, no limite, é ele que os define. Não por acaso, há um lado "sinfónico" em **La Jetée**, através da utilização de uma banda musical que se funde com as imagens como se ambas brotassem de uma mesma raiz e fossem absolutamente inseparáveis. Também aqui, a aparente "negação" do cinema efectuada por Marker é, pelo contrário, uma convincente demonstração das suas inúmeras possibilidades e dos seus infinitos caminhos.

Luís Miguel Oliveira